



QUANDO AS IMAGENS AGUÇAM NOSSOS OUVIDOS PARA A MÚSICA

A fim de ensinar música para crianças, o educador Leandro Pacheco dá vida a obras de arte e cria diversas outras animações que as inserem no universo musical, em seu canal no YouTube

Mariana da Cruz Mascarenhas¹

Desde a era paleolítica até os dias atuais, o ser humano produz e utiliza de imagens visuais, cujas funções são diversas, acompanhando e atendendo as exigências e mudanças de cada época. Um dos empregos imagéticos, por exemplo, está relacionado à instrução daqueles que não sabiam ler e recorriam às imagens como forma de aprendizado – algo muito comum nas pinturas e esculturas medievais presentes em igrejas, destinadas à catequização de fiéis analfabetos. Tal função instrutiva não se perdeu e foi sendo moldada de acordo com o contexto e as inovações de cada período.

A invenção da máquina fotográfica, em 1826, e a popularização da internet, na década de 90, são fatores que revolucionaram e ampliaram o acesso ao mundo por meio das imagens visuais. Não que estas signifiquem a reprodução perfeita daquele, como muitos passaram a acreditar, especialmente com a fotografia, mas é inegável como os indivíduos detentores de uma boa leitura e interpretação imagética ampliaram seu conhecimento. Tudo isso porque somos seres visuais, e necessitamos de imagens para nos comunicar, educar, transformar...

Ciente de tudo isso, o professor de música Leandro Pacheco desenvolveu um projeto no YouTube, em que utiliza de animações para auxiliar as crianças a se desenvolverem no universo musical.

Diretor criativo, editor, roteirista e compositor do canal [Viagem pelo Mundo da Música](#), Pacheco já produziu uma série de vídeos em que utiliza de um avatar seu para guiar os pequenos pelo mundo da música. Ele viu seu canal, que possui mais de 23 mil inscritos, alavancar repentinamente, após a publicação de um vídeo em que ele proporciona uma verdadeira viagem por algumas das paisagens produzidas pela Tarsila do Amaral e os possíveis sons que teriam. Há outras edições em que ele utiliza de pintura e música para identificar traços semelhantes na composição de cada uma.

Pacheco, que atualmente ministra aulas de música em duas instituições escolares, uma na cidade de São Paulo (SP) e outra em Guarulhos (SP), concedeu uma entrevista a **Lumen et Virtus**, e abordou o processo de criação e crescimento de seu canal, o vídeo que repercutiu amplamente, entre inúmeras outras questões voltadas às



relações entre imagem visual e sonora.
Confira a seguir:

LV - Poderia contar um pouco sobre a sua trajetória profissional, destacando a relação com a música?

LP - A relação com a música veio da minha família. Meu avô, por exemplo, era muito apaixonado por música. Eu ainda tenho uma prima que é uma grande cantora e seu irmão também é cantor. Ela é casada com um diretor de teatro, que também é músico. Eles se conheceram no teatro, junto com esse meu primo. Minha trajetória começa, então, observando todas essas pessoas produzindo e trabalhando. Na adolescência, eu fui parar no teatro, que me inseriu no universo musical. Afinal, sempre havia música quando eu ia para o teatro. Ela nunca era gravada, mas feita, de alguma maneira, ao vivo. Assim, a conexão entre música e teatro é uma ligação da qual não consegui me desvencilhar, pois nunca fiz teatro sem que houvesse o que cantar e/ou tocar.

Ainda juvenzinho, antes mesmo de entrar no mundo teatral, eu estava aprendendo a tocar violão, e, com a minha entrada no palco, eu fui obrigado a exercitar um instrumento que conhecia um pouco, mas com o qual eu não tinha tanta intimidade. Então, eu fui tocar violão em um teatro como ator/ músico. De qualquer forma, a vontade de estudar música sempre me rondava, porque eu tinha muito interesse, porém, os cursos de graduação sempre costumavam exigir um nível técnico de instrumentista. Era preciso dominar um instrumento ou mesmo estudar música como compositor

para cursar uma graduação na área musical, pois não se trata de simplesmente tocar um instrumento, mas entendê-lo. Eu não ainda não tinha cumprido esse nível. No entanto, assim que o ex-presidente Lula sancionou a lei que define a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, vários cursos de licenciatura em música começaram a surgir.

Antes disso, aos 20 e poucos anos, eu havia entrado na UNESP para cursar Educação Artística. Eu gostava tanto de todas as áreas, principalmente do teatro e da música, e também das artes visuais, pois pintava e desenhava desde criança, que eu pensei que o curso me complementaria e eu me encontraria naquele lugar. Porém, eu descobri que não queria ser professor ali. Então, abandonei o curso de Educação Artística e fui atuar como artista, trabalhando com teatro infantil e adulto, tocando músicas, além de ter atuado em um restaurante, por meio de uma proposta de garçons cantores, durante muitos anos. Depois de dez anos, entrei em uma outra universidade para cursar Licenciatura em Música. Foi uma experiência muito reveladora, porque fui para a sala de aula, onde eu descobri que já sabia dar aula.

LV – A sua experiência teatral proporcionou esse conhecimento para ministrar aulas?

LP - De certa forma sim. O teatro infantil nos traz questões sobre como abordar um conteúdo cultural e apresentá-lo, porém, de uma maneira teatral. Claro que é possível utilizar de algumas abordagens em sala de aula também, mas, basicamente, trata-se de conteúdos



apresentativos. Já a preparação de aulas acontece em outro contexto. Trata-se de tentar entender, de modo aprofundado, o que a nossa linguagem diz e produzir um conteúdo que seja explicado de maneira simples para que uma criança pequena consiga entender, à sua maneira, o que estamos oferecendo.

A sala de aula, no entanto, apresenta pontos em comum com várias outras áreas e espaços. Afinal, para estar nela temos que ser juízes, atores... enfim, instigadores de movimento e de pensamento. Isso envolve ser um pouco de tudo ali na frente e a minha experiência de ator também ajuda a complementar o trabalho em sala de aula. Além disso, também tenho muitas referências de meu pai, que, apesar de ter estudado apenas até a 4ª série, desenvolvia grande ludicidade nas diversas brincadeiras que realizava comigo durante a minha infância. Por isso, eu enxergo muitos aspectos de meu pai não apenas no ator que sou, mas, também, no professor-brincador em sala de aula.

LV – Como surgiu a ideia de criar o canal *Viagem pelo Mundo da Música?*

LP - O canal surgiu durante a pandemia, em razão das aulas online. Nós fomos afastados do trabalho e tivemos férias, em seguida, para que as escolas conseguissem se organizar e entender como iriam trabalhar a partir dali. Eu precisava preparar aulas online e, de certa maneira, eu já vinha estudando animação, mas ainda não sabia onde aplicá-la. Quando surgiu a ideia de elaborar aulas virtuais para as crianças, eu pensei que conseguiria me comunicar com elas de modo muito

mais eficaz por meio de um avatar meu do que se eu me filmasse dando aulas. Eu queria realizar um trabalho bonito, além de exercitar o aprendizado do programa de animação e suas ferramentas. Assim, antes das minhas férias, nasceram dez vídeos: cinco em uma semana e mais cinco em outra.

Quando entrei em férias, eu segui estudando um pouco mais sobre o tal programa e também comecei a exercitar o que aprendia por meio do canal. Mas só analisei a repercussão dos dez vídeos que havia feito e publicado, quando voltei a dar aulas e percebi que o canal já tinha um certo número de inscritos e um dos vídeos possuía mais de 900 visualizações, a partir de uma média de 100 visualizações por dia. Então, eu percebi que valeria a pena investir no canal. Assim, comecei a fazer um vídeo por semana, ou a cada duas semanas, criei uma página no facebook relacionada ao canal e passei a divulgá-lo em grupos de educadores, o que gerou uma certa movimentação.

Outra questão interessante é que, sem querer, acabei produzindo vídeos como se estivesse dando aula diretamente para os meus alunos. É importante ressaltar que a maioria do conteúdo educacional de música, disponível na internet, é destinado aos professores para aplicarem em sala de aula. Porém, eu quis fazer algo diretamente para as crianças, algo que não percebemos muito presente na musicalização infantil.

LV - Como tem sido a repercussão do canal?



LP - Eu recebo muitos comentários de educadores e educandos exaltando o meu trabalho, elogiando os vídeos, alguns dizendo que os utilizam para dar aulas ou educar os filhos em casa etc. Também recebi alguns convites de uma TV educativa de Goiás, que transmitiu os vídeos do meu canal e os disponibilizou em seu site, de uma TV de Guarulhos e de um canal de TV de Artes, que me enviou uma proposta. Então, posso dizer que o canal segue crescendo.

LV – Em um dos vídeos de seu canal com maior número de acessos (358 mil), [Os sons de Tarsila](#), o seu personagem nos convida a fazer uma viagem pelas paisagens das obras de Tarsila do Amaral e os possíveis sons que teriam. Poderia falar mais sobre a produção de tal vídeo e a repercussão gerada?

LP - No dia 1º de junho, data do meu aniversário, inclusive, aconteceu algo surpreendente: eu produzi o vídeo com as obras de Tarsila do Amaral e o divulguei da mesma forma que os anteriores, impulsionando-o no facebook, a fim de ampliar o seu alcance e favorecer o crescimento do canal. Foi então que o vídeo viralizou, chegando a 30 mil visualizações em um dia, e gerou o número de inscritos necessários para a monetização do canal.

O vídeo nasceu inspirado em um projeto do meu amigo Cláudio. Quando cursava animação, ele desenvolveu um vídeo em que animava as obras de Portinari e inseria narrações simples sobre a biografia do artista. Em outra edição, ele

nos trazia uma obra do pintor animada e comentada. Eu gostei muito e pedi a ele que produzisse mais, porém ele não quis. Então, perguntei a ele se poderia utilizar a ideia em meu canal.

Além disso, também havia visto na internet um projeto de paisagem sonora com as obras de Tarsila, semelhante ao que produzi, porém sem animações e abordagens sobre a artista. Assim, eu retrabalhei a ideia de tal vídeo, animei as obras da pintora, inseri as paisagens sonoras com base nos quadros dela que gosto e acrescentei uma pequena narrativa, que introduz o episódio. Eu também já havia feito um outro vídeo que viralizou, [Pintura Sonora](#), sendo até hoje o 2º vídeo mais visto no canal.

LV – Sabemos que as palavras possuem o poder de condicionar a leitura de imagens fotográficas e pictóricas, como é o caso das legendas, por exemplo. Mas, muitas vezes, nos esquecemos de que os sons também influenciam nosso modo de ler as imagens. Aliás eles são as imagens sonoras. Qual a sua opinião a respeito e como busca trabalhar essa relação em seu canal?

LP – A música, quando vem acompanhada da imagem, possui alguns caminhos: ou ela reforça aquela imagem ou pode constituir um contraponto a ela, como uma referência cruzada. No meu canal, eu utilizo da imagem para facilitar a compreensão da música, porque nós temos uma cultura muito visual, ou seja, nós somos muito mais visuais do que auditivos. Além disso, o nosso



conhecimento imagético, por sermos muito visuais, é muito maior do que o musical. Na escola, por exemplo, as aulas de educação artística são voltadas para as artes visuais. Por isso eu utilizo desse conhecimento, percepção e nitidez, que é enxergar e comparar visualmente, para gerar uma aproximação e um entendimento de coisas, às vezes mais complexas, a fim de ensinar música.

Um exemplo: há um vídeo sobre o Van Gogh, em que utilizo do impressionismo presente em suas obras para explicar o que é a música impressionista. Afinal, o que é o impressionismo? É um jeito de pintar que não possui uma nitidez de forma, semelhante à música impressionista. Mas para apresentar tal relação, de forma clara, ao público do vídeo, eu preciso estabelecer o que é o contorno musical, que seria as repetições. E assim estabeleço a relação entre música e imagem para a produção dos episódios: eu tenho uma inspiração para abordar determinado assunto, nesse caso seria a definição do impressionismo na música, desenvolvo uma ideia de trazer obras de um pintor, cujo período corresponde ao da música impressionista, e mesclo os dois tipos de artes, fazendo pesquisas para apresentá-las da melhor forma possível.

LV – Poderia falar um pouco mais sobre o processo de criação desse vídeo, chamado [O Passeio de Van Gogh](#), em que relaciona obras do pintor com a música *Clarão da Lua*, do músico e compositor francês Claude Debussy (1862 – 1918)?

LP - Quando eu tive essa ideia, fiquei com certo receio, pois não me considero um grande entendedor de arte e pensei na reação dos puristas. Porém, eu estudo bastante quando vou criar um vídeo e nem sempre o aprendizado fica tão presente.

Então eu relatei a obra de Van Gogh, considerado pós-impressionista, com a música *Clarão da Lua*, de Debussy, que não é tão impressionista e está mais ligada ao movimento da música romântica. No entanto, eu explico que, assim como no impressionismo do pintor, não se entende muito bem as repetições de *Clarão da Lua*. Essa é a ideia do vídeo.

Eu cheguei a essa conclusão por meio de estudos, incluindo um vídeo gravado pelo maestro e professor da USP, Ricardo Rocha. Ele criou uma aula para abordar a existência ou não de impressionismo na música, ressaltando que tanto o movimento das artes visuais como o musical estavam interligados ao contexto social. Ele também destacou que o tempo transcorria muito rápido e a evolução tecnológica da máquina fotográfica passava a imprimir o mundo como real, liberando as artes para tomar o seu rumo. É muito lindo ver quem tem esse conhecimento de música. Assim, o canal acaba me proporcionando tais aprendizados. Eu crio uma tese no começo do vídeo e depois procuro maneiras de defendê-la.

LV – Conforme você ressaltou, somos muito visuais, especialmente nestes tempos pandêmicos, em que várias pessoas estão mais conectadas às redes, recebendo um



bombardamento imagético ainda maior. Diante disso, você tem percebido um crescimento na dificuldade das pessoas em exercitar a escuta, como parte dos seus alunos, por exemplo?

LP - Nós, de maneira geral, temos mais dificuldade em nos silenciarmos para ouvir o outro. Eu sou uma pessoa que me incomodo com barulho ao redor, principalmente se estou assistindo algo. Eu sou bastante visual, mas a minha audição também é muito presente. Quem atua em sala de aula sabe como ruídos sonoros são desconcertantes. Passamos o dia inteiro ouvindo sons até o momento em que nosso cérebro não consegue mais processá-los.

Em relação às crianças, é preciso filtrar as informações que serão passadas a elas, mas há conteúdos muito coerentes como *A cigarra e a formiga*, cuja música e poesia são lindas. Já o meu canal é um projeto para ser ouvido e por isso utilizo das imagens em movimento, pois tenho dificuldade em apresentar algo unicamente auditivo aos meus alunos sem que eles, automaticamente, não busquem o visual, pois associam o som à imagem em movimento.

Outra questão importante é que existe uma camada preconceituosa sobre o universo musical. Eu mesmo desconstruí diversos preconceitos sobre a música, não somente em relação ao gênero, mas a outros aspectos. Isso porque, muitas vezes, nascemos com ideias preconcebidas. Eu, por exemplo, cresci ouvindo meu avô criticar os EUA e, por isso, tínhamos uma cultura de música

brasileira muito forte dentro de casa, de modo que demorei para me abrir a outros universos. Assim, eu aprendi a gostar de música erudita muito mais velho, *rock and roll* ainda constitui um certo entrave em minha vida.

Ainda há uma outra camada de preconceito relacionada à idade das coisas na música. Eu adorava ouvir minha prima cantando Noel Rosa, achava as canções lindas. Mas, quando eu ouvi o sonograma original fiquei em choque, pois não conseguia me aproximar dele, já que era algo tão distante da minha realidade. No entanto, aos poucos e com o tempo, eu fui entendendo e aprendendo a eliminar o meu preconceito, a ouvir e a gostar da música como ela é, uma melodia que, independentemente do registro, é a mesma.

LV – Diante de tais considerações, você acredita ser mais fácil ensinar música às crianças, que estão mais abertas ao aprendizado, do que aos adultos, com formação e mente mais consolidadas?

LP - Sim, mas a grande questão, em relação às crianças, é que necessitamos de uma boa embalagem para levar música a elas. Por exemplo: se eu elaboro um excelente roteiro sobre Noel Rosa, mas ele não é apresentado de uma forma que encante as crianças, eu simplesmente apareço e falo sobre o cantor, não haverá interesse da parte delas. Por isso, com os pequenos, a moldura é até mais importante do que o próprio conteúdo, pois, se aquela não encantar, não permitirá o acesso a este.



A Árvore Vermelha (1910)

LV - Quais são outros vídeos de destaque do canal que mesclam arte e música?

LP - Há um outro chamado [Mondrian Jazz Remix](#), que também é muito interessante. Ao assistir a um documentário sobre Piet Mondrian (1872 – 1944) (*pintor holandês*) no canal Arte 1, eu descobri que ele amava jazz e achei aquilo incrível. Então, eu relatei a ideia de improviso, que faz parte da linguagem do jazz, com três árvores parece se desconstruir da primeira

LV - A imagem visual sofreu intensas modificações ao longo do tempo, inclusive para acompanhar as inovações que foram surgindo. De que forma essas mudanças se refletiram nas imagens sonoras, especificamente na música?

LP - A música muda de acordo com questões técnicas também, afinal a tecnologia é algo que a influencia. Logo, se possuímos um equipamento que produz música de determinada maneira, ele acaba mudando-a por dentro.

para a última obra, o improviso no jazz é uma desconstrução da melodia.



A Árvore Cinzenta (1911)

Outro vídeo chamativo é o [Folclore nas obras de Portinari](#), em que exibe cantigas de roda cantadas e tocadas, com ilustrações animadas das obras do pintor, para que as crianças identifiquem as canções e quadros que ele pintou: *A Árvore Vermelha*, *A Árvore Cinzenta* e *Macieira em Flor*. A partir daí eu mostro que, assim como a aproveitem para realizar as brincadeiras folclóricas.

Além disso, no decorrer do tempo, a música começou a buscar outros lugares, a se desprender do movimento clássico. A composição pós-romântica, por exemplo, carrega diversos formatos de maneira grandiosa, ela aborda algo mais interior, como se contrapusesse ao mundo que gira velocemente, a fim de que seja sentida mais fluentemente, se parecendo conosco, por ser ‘flutuante’, ou seja, não se apresentar de um único modo.



LV - Muitas imagens visuais são acompanhadas de legendas para serem compreendidas de acordo com a intenção de seus emissores. Isso também acontece na música?

LP - Há uma necessidade de nomear a música, pois, assim como acontece com a imagem visual, o universo musical necessita de legenda para ser compreendido de determinada forma. *As Quatro Estações*, de Vivaldi, por exemplo é considerada um poema sinfônico. À medida que a ouvimos, construímos uma relação entre o que acontece na música e o texto escrito, nos ajudando a compreendê-la a partir da palavra. Algo que busco trabalhar em meu canal, utilizando a palavra e a imagem para a compreensão musical.

Ainda abordando essa relação entre música e palavra, outra grande referência que tenho para dar aulas, além do meu pai, é o maestro e compositor Leonardo Bernstein (1918 – 1990). Eu me apaixonei pelo seu talento, em razão do teatro musical. Suas composições são maravilhosas, com destaque para um teatro musical consagrado chamado *West Side Story*, cujas melodias são lindas.

Por isso fui estudá-lo e descobri que, enquanto ele era maestro de uma das orquestras de Nova York, passou a dar aulas semanais para crianças, em um auditório. Transmitidas, até então, pelo rádio, as aulas também passam a ser exibidas pela TV. Com uma orquestra inteira ao seu dispor, ele ensinava diversos temas a partir de um roteiro, como a definição de música, para crianças de 7 a 9 anos, por exemplo.

Trata-se de um projeto fenomenal chamado *Young People Concert*, que pode ser acessado pelo Youtube. Ao apreciá-lo, fiquei maravilhado, pois aquilo é dar aula de música de modo compreensível, sem necessitar de um conhecimento aprofundado. O nosso próprio raciocínio e ouvido conseguem delinear e criar esse conhecimento musical.

LV – Qual a relevância da musicalização infantil? Você acha que todas as escolas deveriam auxiliar as crianças, desde cedo, a se familiarizarem com a música?

LP - Totalmente, porque a música faz parte do mundo. Ela está sempre presente, sendo mudada de acordo com o seu tempo. No entanto, eu acredito que ela até seja razoavelmente aplicada na Educação Infantil, mas não nos níveis posteriores de ensino, o que configura um grande problema, por ser o período em que a criança começa a formar seu pensamento crítico.

Na musicalização infantil, nós estimulamos os alunos a se tornarem sensíveis a alguns parâmetros e ideias básicas da música. O próprio corpo da criança é parte do processo de produzir sons. A partir daí, ela passa a realizar atividades e a pensar de modo mais concreto. Hoje em dia, por exemplo, com as novas tecnologias, é possível brincar de criar uma trilha sonora com os pequenos e, assim, fazê-los pensar a respeito dos sons produzidos e com quais imagens eles combinam ou não. Isso é formar pensamento crítico.



Como ouvinte, nós ouvimos música o tempo todo, e, muitas vezes, em grupo, vamos a determinados lugares para ouvi-la, também a ouvimos em nossas casas, com a família etc. Ela já está inserida em nosso universo. Por isso, é importante desenvolver uma leitura musical. Assim, ao invés de comentar, por exemplo, que a voz de determinada cantora é linda, podemos dizer que o timbre dela é lindo, em vez do tom, que, por sua vez, faz parte de um outro universo ligado à música. Eu acredito que se os alunos tivessem aulas musicais até o 3º ano do Ensino Médio, teriam mais destreza para falar de música com propriedade, mesmo não sabendo tocá-la.

Um exemplo: recentemente, em uma live do Caetano Veloso, o filho dele tocou uma música com um prato e uma faca. Alguém comentou no vídeo que aquilo fora improvisado, sem saber, no entanto, que se tratava de um modo de cantar e dançar em sambas de roda no interior da Bahia. De qualquer forma, ressalto que toda experiência é válida, o que cada um ouve e como ouve, pois trata da sua

percepção musical, sem contar que há vários gostos. Inclusive, eu posso apreciar uma música sertaneja pela sua qualidade e mixagem, mas não gostar dela.

Para concluir, acredito que precisamos lutar por uma alfabetização musical, algo que eu busco trabalhar em meu canal. Ao fazer isso, eu penso, também, na professora que não é da área musical e vai aplicar o conceito deste universo em sala de aula porque deseja oferecer um conteúdo extra. Eu ainda defendo uma disciplina de música para pedagogos, que seja ministrada durante um semestre, pelo menos. Pois, nesse período, eles, geralmente, cursam artes em geral e assim o conhecimento musical é mal transmitido. Eu tenho um projeto que consiste em desenvolver um *ebook* voltado para educadores / pedagogos que não possuem formação musical a fim de que, ao mesmo tempo que aprendem, possam aplicar o aprendizado com seus alunos, resultando em uma apresentação musical ao final do ano. Tudo baseado na obra *Carnaval dos animais* de Camille Saint-Saëns (1835-1921).

Canal **Viagem pelo Mundo da Música:**

<https://www.youtube.com/channel/UCBQEMZvA76EWT7QfG7ToyKA>

Fanpage: @viagempelomundodamusica

¹ Mestra em Ciências Humanas, especialista em Metodologia do Ensino na Educação Superior e em Comunicação Empresarial, graduada em Comunicação Social. Assessora de comunicação e pesquisadora-membro do Centro de Estudos Logó-Imagéticos CONDES-FOTÓS Imago Lab.